

O ao vivo e a banalização da urgência no telejornalismo local no NETV 1ª Ed.¹

Bernadete Coelho de Sousa²

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer³
Universidade Federal de Goiás

Resumo

Esse artigo propõe uma reflexão sobre a banalização do formato “ao vivo” nos telejornais locais tendo como base a análise do telejornal local NE1ª Ed. Por essência a participação ao vivo remete a urgência na divulgação dos fatos, a informação de última hora, a notícia que não pode esperar, entretanto observa-se em uma análise preliminar que o formato é usado exaustivamente, em fatos corriqueiros pelo telejornal NE 1ª Ed. O presente trabalho busca analisar esse uso como parte de uma pesquisa mais ampla sobre audiência dos telejornais JA1ª Ed de Goiânia e NE 1ª Ed do nordeste coordenada pela professora Dra Ana Carolina Rocha Pessoa Temer do programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Goiás. Como metodologia foi utilizado o levantamento bibliográfico e o monitoramento do telejornal durante duas semanas no mês de janeiro de 2019.

Palavras-chave

Telejornalismo local; ao vivo; urgência ; televisão.

Introdução

A inauguração oficial da TV no Brasil aconteceu em 18 de setembro de 1950 com a transmissão ao vivo do programa de variedades *TV na Taba* (MATTOS, 2010). Ainda de acordo com Mattos a primeira transmissão da TV incluía a participação da orquestra do maestro Georges Henry, a cerimônia de benção e batismo dos estúdios,

¹ Trabalho apresentado no DT1 Jornalismo no GP Telejornalismo do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém PA de 02 a 07 de setembro de 2019

² Jornalista, radialista, Mestre em Comunicação- UFG aluna do doutorado PPG UFG. e-mail bernadetecoelhos@gmail.com

³ Pós doutora em Comunicação pela UFPE e UFRJ; Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em Jornalis e UFPEmo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) – Linha Mídia e Cidadania – e do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: anacarolina.temer@gmail.com

enquetes e um show com Hebe Camargo. Mas Hebe Camargo ficou rouca e como o show ao vivo não pode parar, a artista foi substituída por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna. A respeito desse episódio Paternostro explica que o espetáculo de estréia da TV no Brasil, foi dirigido por Cassiano Gabus Mendes e se chamou *TV na Taba*. O Show começou com atraso em função de um defeito em uma das câmeras e mesmo assim durou aproximadamente duas horas. Esse início no Brasil repetia um padrão mundial: a TV, com seus programas de auditório, humorísticos e outras atrações – entre as quais o telejornalismo - nasceu ao vivo, e essa marca irá acompanhar todo o seu desenvolvimento.

Nos anos iniciais da Televisão brasileira tudo era novidade e, com exceção dos filmes e das séries importadas, tudo era feito ali nos estúdios em tempo real. A PRF3 TV Tupi de São Paulo uma emissora dos Diários Associados era também a primeira estação de televisão da América do Sul (MATTOS, 2010) tinha fortes vínculos com o Rádio, e foi dele que vieram os formatos e os profissionais que migraram para TV.

Quando falamos de telejornalismo a trajetória não é muito diferente. O primeiro telejornal veiculado no Brasil entrou no ar justamente um dia após a inauguração da TV Tupi de São Paulo. *O Imagens do Dia*⁴ não tinha um formato bem definido – era em parte a cópia do material já divulgado nos jornais impressos - e nem horário certo para entrar no ar. A televisão era preto e branco, e as poucas filmagens que começaram a aparecer para ilustrar as informações, não tinham som. Ainda assim a novidade fascinava os poucos receptores, uma vez que, como afirma Paternostro, em 1954 existiam 12 mil aparelhos no Rio de Janeiro e São Paulo e em 1958 eram 78 mil em todo país. (PATERNOSTRO, 1999, p. 29).

O modelo de telejornal de maior sucesso do período foi herdado do rádio: o Repórter Esso. O formato tentava contemplar uma linguagem mais televisiva com o apresentador enquadrado em plano americano (PATERNOSTRO, 1999), mas o telejornal era produzido por uma agência internacional, a *United Press International* e usava principalmente o material internacional que a agência entregava (MATTOS, 2010). De novo trazia um slogan marcante: “Aqui fala seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”⁵ mais ainda assim se manteve no ar por 18 anos.

⁴O *Imagens do Dia* permaneceu no ar por pouco mais de um ano e depois cedeu o lugar para o *Telenotícias Panair* que levava o nome do patrocinador. (Paternostro, 1999, pg 35)

⁵No rádio o slogan era “Repórter Esso, o primeiro a dar as últimas”

Novidades vinham vagarosamente: aos poucos as reportagens feitas com câmeras de cinema 16 milímetros, mas a sua produção era difícil e limitada⁶. O telejornalismo era quase sempre limitado ao estúdio, e mesmo a chegada do primeiro repórter de vídeo da TV brasileira, José Carlos de Moraes, o Tico-tico, lançado no telejornal Edição Extra (1951), o primeiro no horário vespertino, na TV Tupi de São Paulo (PATERNOSTRO, 1999, p 35.), trouxe poucas mudanças. A limitação da televisão com os conteúdos ao vivo sofre um impacto com a chegada dos equipamentos de vídeo tape, em 1960. O equipamento de vídeo tape alterou a lógica de produção audiovisual da TV, já que era possível gravar a imagem e o áudio em fita magnética. Rapidamente, a tecnologia muda definitivamente a forma de fazer jornalismo: as câmeras foram ficando menores, mais práticas, mais sensíveis; também a qualidade da imagem e do áudio é cada vez melhor.

Todas essas mudanças afetam, é claro, a forma de produzir telejornalismo. Mas o fascínio pelo ao vivo continua, a ponto das transmissões ao vivo serem constantemente apontadas como uma promessa de qualidade e certificado de veracidade/credibilidade da informação.

Uma vez que nas emissoras privadas – que predominam no modelo brasileiro - o telejornalismo depende do aporte publicitário, que por sua vez age em função dos resultados dos números da audiência tem um forte vínculo com a audiência, os investimentos na transmissão ao vivo sempre foram vistos como estratégicos. No entanto, sento o telejornalismo o resultado sendo processo produtivo sujeito a inúmeras variáveis, seu resultado nem sempre é previsível. Da mesma forma, o uso estratégico destes recursos sofre variáveis tanto nas emissoras que veiculam conteúdos nacionais, como nas emissoras locais afiliadas, coligadas e repetidoras destas redes.

No caso da Rede Globo de Televisão estes elementos são particularmente dinâmicos, uma vez que a Rede empreende esforços para manter os números de uma audiência que, na década de de 1970 e meados de 1980 foram majoritários. Essa relação tem sido posta em cheque com o crescimento das Rede Record e SBT, que trouxeram modelos mais dinâmicos – e em algumas análises, mais popularescos – de

⁶Depois de fazer a gravação com câmeras pesadas e com pouca mobilidade, era preciso revelar o filme e se a reportagem fosse feita fora do eixo Rio São Paulo, o material era enviado de avião para os respectivos estúdios nessas cidades. O filme ainda passava pelo processo de corte e montagem e tudo isso sem som. Não era raro o material chegar em cima da hora e as vezes nem chegar. Esse era um processo trabalhoso e pouco confiável.

telejornalismo, que conquistaram parte significativas da audiência. Para responder a essas mudanças a reação da Rede Globo de Televisão foi configurar o telejornalismo local como uma proposta de jornalismo comunitário – ou a versão Globo de Jornalismo Comunitário⁷, que tinha/tem como ponto central reportagens sobre os problemas que atingem uma comunidade. Na prática isso representou um aumento das matérias ao vivo, e principalmente participações *ao vivo* apontando problemas nos bairros e eventuais manifestações populares sobre questões locais.

Neste sentido este estudo aborda especificamente uma das emissoras da rede - a Globo Nordeste, com sede em Recife/ Pernambuco, considerada uma das praças com melhores resultados da Rede.

Em termos amplos a proposta envolve uma *abordagem ampla* do telejornalismo local, mas focando especificamente no material veiculado “ao vivo” no telejornal Nordeste (NE) primeira edição. Neste sentido serão analisados os enquadramentos adotados pelas emissoras, o uso de estereótipos e o status dos falantes (quem fala e como falam sobre o tema). Destaca-se ainda que a escolha do Nordeste primeira edição se apoia no tamanho do telejornal, o maior entre os telejornais veiculados diariamente pela emissora, mas também em função do aumento recente deste tempo, uma determinação da própria rede que, por sua vez foi influenciada pelos bons resultados obtidos pelas transmissões ao vivo realizadas em 2018 durante a Greve dos Caminhoneiros.

2. Telejornalismo local na Rede Globo

Praça TV é uma denominação genérica para os telejornais locais das emissoras próprias e afiliadas da Rede Globo de Televisão. Na programação existem cinco faixas de horário que podem destinadas ao telejornalismo local: Bom Dia Praça, exibido de segunda a sexta-feira pela manhã, logo após o *Hora Um da Notícia*; *Bom Dia Sábado*⁸ - exibido em algumas afiliadas aos sábados antes do *É de Casa*; *Radar* - exibido dentro

⁷Este conceito é questionado por Peruzzo (2005, p.76) que entende a comunicação/jornalismo comunitário no “âmbito dos vínculos sociais, às estratégias de sustentabilidade, ao processo produtivo e aos conteúdos. O protagonismo principal está nos cidadãos, que, através de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, instituem processos de comunicação com vistas à mobilização social e à ampliação da cidadania”.

⁸Telejornal que teve uma ampliação da duração, passando a ser veiculado das 6h às 8h - a partir do dia 21 de janeiro 2010.: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/01/07/globo-aumenta-duracao-de-seus-telejornais-locais-da-manha--123452.php>

do *Bom Dia Praça* e ao longo da programação em forma de boletins; *Praça TV* — exibido de segunda a sábado em duas edições, uma ao meio-dia e outra noturna.

Em princípio os telejornais locais ocupam um “fade” (um intervalo ou espaço sem conteúdo) na programação veiculada nacionalmente, mas o “preenchimento” destes espaços não é igual em todas as afiliadas, ainda que o *Praça TV* primeira e segunda edição sejam os mais presentes. Nestes telejornais específicos, o uso dos espaços passa por normas e regras, que vão desde a elaboração dos cenários, posicionamento dos apresentadores e, é claro, a própria formatação do material jornalístico.

Para além desta busca pela manutenção de um padrão – elemento valorizado pela rede, que inclusive investe em ações (cursos, reuniões e acompanhamentos que, na lamentações dos profissionais, funcionam quase como um processo de vigilância), as dinâmicas internas características do jornalismo – incluindo o acesso á equipamentos e mesmo a formação dos profissionais_, assim como as realidades sociais, econômicas e políticas locais, acarretam em interpretações e adaptações locais.

A Rede Globo Nordeste

A TV Globo Nordeste é uma emissora pertencente a Rede Globo. Fundadora em abril de 1972, entra no ar com o objetivo declarado de aumentar a cobertura da Globo na Região Nordeste⁹. No entanto, nesta primeira década a emissora não estava na lista de prioridades da Rede, operava com instalações precárias e equipamentos de segunda linha. (ARAÚJO, 2019). Ainda assim se sinal se expandiu para outras capitais nordestinas (João Pessoa/Paraíba e Natal/Rio Grande do Norte). Aos poucos esse sinal foi sendo substituído por emissoras locais, mas a Globo Nordeste conservou uma liderança na região.

A história da emissora é marcada por vários incidentes, como um incêndio na redação do departamento de jornalismo em 2003 é um raio que atingiu a torre de transmissão em 2015, em ambos os casos com prejuízos na transmissão da programação, e um grave acidente com o Globocop, helicóptero que fazia imagens ao vivo, para o Bom Dia Pernambuco, e caiu no mar no bairro de Brasília Teimosa, na zona sul do Recife

⁹Antes da inauguração da Globo Nordeste, a Rede Globo de Televisão tinha como afiliada no Recife a TV Jornal, além de afiliadas nos estados da Bahia, Ceará e Maranhão.

Somente em janeiro de 2018 a emissora passou a gerar sua programação a partir de uma nova sede na capital pernambucana, que passou a abrigar os departamentos de jornalismo e operação e a produção dos telejornais transmitidos ao vivo, entre eles o NE 1 e NE 2.

A mudança coincidiu com uma modificação na identidade visual dos noticiários e ganhou uma nova vinheta de abertura, de modo que o NETV 1ª Edição, passou a chamar-se NE1; assim como o noticiário noturno, NETV 2ª Edição, para NE2. Atualmente o NE1 e o NE2 possui cenários novos para o jornalismo e o jornalismo esportivo, o estúdio possui uma janela de vidro onde pode-se ver toda a redação durante a exibição dos telejornais. Essas mudanças foram necessárias para a continuidade do padrão Globo. A estrutura da redação é composta por uma diretora de jornalismo, uma editora-chefe, um editor e apresentador, 5 editores, 4 produtores, 4 editores de imagens e 1 chefe de reportagem. A nova emissora da Rede Globo em Recife, é a primeira a contar com uma tecnologia com fluxo em fibra ótica e atinge toda a região metropolitana, além de ser exibido em Caruaru (via tv asa branca, e na ilha de Fernando de Noronha).

Atendendo a uma demanda da Rede, a partir de meados de junho de 2015, a Globo Recife inovou; passou a fazer uso do aplicativo WhatsApp como um canal de comunicação entre telejornal e telespectadores. Assim como em outros telejornais, a inclusão dos telespectadores como colaboradores ganhou espaços em denúncias sobre os (des)serviços públicos e outros aspectos ligados as mazelas da vida urbana. Sobretudo, a participação do telespectador-usuário como agente no processo de comunicação subverteu a forma de distribuição unilateral de conteúdos, o que por sua vez impactou os critérios de noticiabilidade do Telejornalismo local.

Especificamente sobre o Nordeste TV, telejornal com duas edições, estreou em janeiro de 1983 com objetivo dar espaço ao telejornalismo local na programação da Rede Globo nordeste. O telejornal. O NE TV 1ª edição, objeto do nosso estudo, vai ao ar de segunda a sábado a partir do meio dia e tem aproximadamente 45 minutos de duração com apenas um apresentador no estúdio. Tem um perfil de prestação de serviço e cobre as principais notícias do dia. Em 1994 o NETV 1ª edição tinha 25 minutos de duração. Foi a partir desse período que o número de entradas ao vivo aumentou com o objetivo de dar maior agilidade ao telejornal. Em 2008 o NETV se tornou exclusivo da

região metropolitana do Recife. O NETV 1ª Ed é um dos telejornais que melhor pontua no ranking das afiliadas da rede Globo.

As entradas ao vivo nos telejornais

Dessa forma e com o passar dos anos e a evolução da tecnologia o telejornalismo foi desenvolvendo uma linguagem própria ao mesmo tempo em que se firmava como elemento importante na construção da realidade. O avanço tecnológico na área audiovisual, entretanto proporcionou inúmeras possibilidades. É possível fazer uma transmissão ao vivo, diretamente do local onde acontece o fato. Assim surgiram as participações ou entradas ao vivo.

Em 1977 a TV Globo de São Paulo colocou no ar o telejornal Bom Dia São Paulo com características de prestação de serviço e utilizando equipamento de UPI (unidade portátil de jornalismo) com repórteres entrando ao vivo de vários pontos da cidade (Paternostro, 1999)

O ao vivo também é chamado de link, ou net. Dentro de um telejornal pode entrar após a leitura de uma nota seca pelo apresentador ou após uma reportagem. O ao vivo remete a urgência do fato, as últimas informações, à notícia de ultima hora.

Para fazer uma transmissão ao vivo é necessário envolver uma meia dúzia de profissionais além do repórter e do cinegrafista. Começando pela parte técnica uma transmissão ao vivo na maioria das vezes é feita com auxílio de uma unidade móvel. Um carro adaptado para esse tipo de transmissão. Essa unidade dispõe de pelo menos um par de micro ondas para fazer o enlace do sinal com os equipamentos da emissora, uma parábola, vários cabos, monitor, fones de ouvido, rebatedores. Os técnicos responsáveis pela transmissão ao vivo fazem a montagem do equipamento horas antes do início do telejornal. Essa antecipação é necessária para garantir o fechamento do sinal sem riscos de mudanças de última hora.

Normalmente a entrada ao vivo é decidida pelo editor chefe do telejornal em conjunto com o chefe de reportagem. Depois de avaliar os assuntos do dia elege-se aquele que é prioridade e que pode ter desdobramentos importantes até a hora do jornal ir ao ar. Dessa forma é pensado no espelho do telejornal o tempo que deve ser ocupado pela entrada ao vivo. Suponhamos que logo no começo do dia um vazamento de produtos químicos em uma fábrica de tintas intoxica dezenas de funcionários. A cobertura do fato é feita normalmente e pode-se fazer uma participação ao vivo do hospital para contar os últimos detalhes sobre o estado de saúde das vítimas. Se o

assunto for um caso envolvendo corrupção de políticos de um determinado partido, além da cobertura do fato pode-se montar uma participação ao vivo para contar os últimos detalhes da investigação ou até mesmo a prisão de algum dos envolvidos. A princípio é nessa lógica que funcionam as participações ao vivo.

No livro *Decidindo o que é notícia* o autor Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr apresenta os resultados da observação das rotinas produtivas de montagem do telejornal RJTV 1ª Ed e ao detalhar como é a organização por blocos de um telejornal, explica o papel do ao vivo. Segundo o autor as entradas ao vivo dos repórteres acontecem ao longo do telejornal e tem como finalidade atualizar a notícia.

Esses nets dão uma boa margem de manobra ao editor- chefe que pode jogar com os ao vivo no telejornal para cobrir uma eventual falta de tempo ou mesmo quando uma matéria prevista acaba caindo, porque não deu tem de realizá-la ou por falta de tempo. (PEREIRA JR, 2003, p100.)

Ainda falando sobre a organização da entrada ao vivo Temer explica que:

As entradas ao vivo devem ser pré- roteirizadas. Normalmente, aliás, o repórter no local faz uma pré- entrevista, ajudando o entrevistado a adequar a sua linguagem para facilitar a compreensão do público. (TEMER, 2002, p125)

Ao falar sobre a preferência do ao vivo o autor Ciro Marcondes afirma que a transmissão ao vivo tem uma “ilusão de pureza plena” o que não corresponde a verdade.

Vejamos. Uma transmissão jamais é o próprio ato, ela já é, sempre, uma captação de um acontecimento e sua reprodução em outra parte (nos estúdios, nos lares) Ela interfere ao escolher esse ato e não outro. Praticamente, nunca a transmissão se dá com câmera fixa. Há sempre um ou mais cinegrafistas que tomam as cenas: eles escolhem os ângulos, as pessoas, os atos. Se trata de uma interferência. Uma mistura do que acontece e o que o jornalista acha interessante. (MARCONDES FILHO, 2002, p 84)

Comparados com os telejornais da década de 1950, que sofriam com a precariedade das imagens, o modelo atual está, aparentemente, em uma posição confortável: as reportagens são variadas e podem ser mais bem editadas, com mais recursos e segurança e criatividade. Mas a pressão pelos resultados é maior, assim como o tempo maior do telejornal também implica buscas por novos conteúdos e abordagens, o que também aponta uma tendência para redundância e para um possível abuso na repetição dos temas e enquadramentos.

Análise de alguns dados- descrição da pesquisa e do telejornal

A coleta de dados visando uma pesquisa mais ampla sobre audiência foi feita durante duas semanas, classificando o gênero, o formato, o assunto, status de falante e tempo de cada elemento dentro do telejornal. Nessa observação passou a chamar atenção a forma como as participações ao vivo eram utilizadas no telejornal muitas vezes de maneira cansativa, arrastada e repetitiva. Assim passou-se a observar que as participações ao vivo no telejornal cumprem outra função que não a de dar destaque a ultimas informações e caráter de urgência a um determinado assunto.

Na semana do dia 21 de janeiro de 2019 observa-se que três assuntos foram mostrados ao telespectador no formato de entrada ao vivo no telejornal NETV 1ª edição. Um link foi feito pelo repórter Antônio Coelho e mostra um curso de beleza destinado a comunidade. No primeiro bloco do programa a entrada ao vivo teve 7'02". Este tempo é considerado longo em se tratando de um ao vivo em televisão. O tema não tinha o que se pode classificar como urgência. Ainda no primeiro bloco outro link feito pelo repórter Ronan Tardim mostra a poeira provocada por uma obra que causa transtornos a quem passa pelo local, com a duração de 3'10". O assunto abordado nessa entrada ao vivo também não apresenta nenhuma urgência. O terceiro link feito pela repórter Camila Torres é sobre intolerância religiosa. A repórter aborda aspectos ligados ao preconceito com as religiões africanas. A duração é de 6'35".

No segundo bloco o repórter Antonio Coelho volta a participar do telejornal novamente falando do curso de beleza dessa vez o link durou 3'30". O assunto que já foi exaustivamente abordado na primeira entrada ao vivo é tratado no segundo bloco de maneira repetitiva. No terceiro bloco do telejornal o repórter Ronan Tardim volta a participar falando da obra na Cruz de Cabugá e a poeira provocada. Dessa vez a duração do link é de 3'00". O repórter entrevista duas pessoas que estão local e ainda fala sobre o prazo final de construção da obra. O assunto interessa dezenas de pessoas que moram ou trabalham perto do local, mas o assunto é tratado de forma repetitiva. A repórter Camila Torres volta a participar do programa no quarto e ultimo bloco falando sobre intolerância religiosa com um tempo de 1'45". Nesse dia o telejornal NETV 1ª edição veiculou apenas 2 vts : um sobre lixo nas ruas e outro sobre filas para matriculas em escola da rede pública, sete notas cobertas, uma nota seca e um stand up. O tempo das participações ao vivo somaram 16'47" no primeiro bloco, 3'30" no segundo

bloco,3'00" no terceiro bloco e 1'45" no quarto bloco. No total foram 25'02" de 46'17" de produção. Pouco mais da metade do tempo do telejornal foi ocupado pelas entradas ao vivo.

NO dia 22 de janeiro de 2019 o NETV 1ª edição começa com uma entrada ao vivo sobre um tiroteio que aconteceu na Avenida Brasil em Olinda. O repórter Renan Tardim começa mostrando imagens de celular da perseguição policial e falando sobre o caso e na sequência entra um VT sobre o caso. O repórter volta depois, mas não para falar sobre o tiroteio e a perseguição policial, e sim sobre os buracos na avenida. A entrada ao vivo tem o tempo de 4' e 22". O repórter fala sobre a quantidade de buracos na avenida que tira a tranquilidade de quem passa pelo local. Durante a entrada ao vivo o repórter deixa claro que o problema é antigo e que a prefeitura não tomou providencias. Nessa entrada ao vivo entra em cena um outro componente muito usado pelo telejornal NETV1ª edição: o calendário. Esse é um recurso usado pelo telejornal como uma espécie de "lembrete cobrança" do compromisso da autoridade local em resolver o problema. O prazo é marcado no calendário, na maioria das vezes pela população e o telejornal cobra o cumprimento do prazo. A segunda entrada ao vivo foi feita pela repórter Camila Torres com 2' 40" de Camaragibe, região metropolitana de Recife, onde os moradores reclamam da falta de água no loteamento São Paulo. A falta de água na região metropolitana de Recife é um problema recorrente e não atinge apenas os moradores de Camaragibe, entretanto o assunto é tratado de forma restrita e superficial. Novamente entra em cena o recurso do calendário como forma de cobrar de maneira mais efetiva um prazo para a solução do problema. A terceira entrada ainda no primeiro bloco do telejornal, foi feita pelo repórter Antonio Coelho com o tempo de 5'01" e o assunto é dor nas costas. O repórter entrevista uma professora de educação física sobre a má postura e as dores que pode causar. A professora também dá dicas de alongamentos. O assunto é interessante, mas o tempo do ao vivo é longo demais. Quem fala é apenas a professora de educação física sem a contribuição de outro profissional da área de saúde como por exemplo um fisioterapeuta. No segundo bloco a repórter Camila Torres volta a falar sobre falta de água, com um tempo de 3' e 20". Ela entrevista alguns moradores sobre o problema da falta de água e também informa o posicionamento da empresa Compesa responsável pelo abastecimento de água. No terceiro bloco o repórter Renan Tardim volta a falar sobre os buracos na Avenida Brasil e os moradores pedem providencias à prefeitura. O tempo é de 3'30". Em uma primeira

análise pode-se dizer que os três assuntos poderiam ser apresentados ao telespectador em forma de um VT (vídeo tape) bem trabalhado, com sonoras da população e também de autoridades. No entanto a preferência pelo formato ao vivo não se explica pelas características normais da urgência e atualização das informações. É notório que existe a intenção de imprimir um ritmo mais ágil no telejornal, com o maior número de entradas ao vivo e uma boa quantidade de tempo reservada à cada entrada. Entretanto o tempo destinado aos três assuntos ao vivo é exageradamente longo e há nesse caso prejuízo na abordagem e por mais que o repórter se esforce se torna extremamente repetitiva e arrastada. Na somatória geral as entradas ao vivo tiveram 32'00" do total de 44'40" de noticiário. Esta é apenas uma primeira análise dos dados coletados.

Considerações finais

A análise do material aponta que o uso do recurso ao vivo responde mais a necessidade de *preencher* o espaço do telejornal do que a demandas reais dos receptores. O modelo escolhido pela Rede, interpretado e colocado em prática pela Rede Globo Nordeste, busca em determinados momentos se aproximar do modelo popular/popularista que caracteriza outras redes. Mas faz isso também buscando manter um padrão de qualidade imagética e de linguagem, ainda que eventualmente se deixe levar por uma certa leveza estudada, ou seja, pela tentativa de uma linguagem mais livre e mais descontraída, mas não vulgar.

Em termos práticos isso resulta em um falso diálogo com os receptores, para um padrão não orgânico de abordagem dos entrevistados. Aparentemente trata-se de um *ao vivo* ensaiado ou pelo menos aparentemente ensaiado, com uma espontaneidade limitada, e ainda assim não livre de problemas (os mais comuns são entrevistados que não colaboram, não respondem ou até negam os elementos que justificam a importância da matéria jornalística).

Fica claro também a dificuldade em cobrir eventuais manifestações nos pontos centrais da cidade, que em alguns casos são aparentemente muito menores do que o pretendido pelos promotores, o que deixa a reportagem local com poucas opções de fazer da cobertura uma reportagem efetivamente significativa ou interessante.

No conjunto a aparência geral é que o tamanho proposto para o telejornal ainda não está adequadamente explorado, que o modelo ainda está *em fase de teste*. O que, aliás, é uma constante no telejornalismo, um espaço cuja única constante e a incessante necessidade de buscar alternativas e se reinventar.

Referências Bibliográficas .

- ARAÚJO, Luciana Cristina Borges de . **O lugar de referência e a fragilidade das instituições: no caso NE1**. Recife: Ppgcom _ UFPE,2019. Goiânia: UFG, 2013. (Dissertação/Mestrado).
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história - 1950/1990**. Salvador: Abap-BA/A Tarde, 1990.
- PATERNOSTRO, Vera Iris **O texto na TV: Manual de telejornalismo** Rio de Janeiro: Elsevier,1999.
- PEREIRA Jr, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia : os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Notícias e serviços: nos telejornais da rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese,2002.
- VIZEU, Alfredo, PORCELLO Flávio, COUTINHO Iluska (org). **60 anos de telejornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular 2010.